



# EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE  
DE TRANSFORMAÇÃO DO  
CONHECIMENTO GERADO

# 5

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA  
(ORGANIZADOR)

  
Ano 2020



# EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE  
DE TRANSFORMAÇÃO DO  
CONHECIMENTO GERADO

5

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA  
(ORGANIZADOR)

 **Atena**  
Editora

Ano 2020

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

#### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

#### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

#### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## Educação: atualidade e capacidade de transformação do conhecimento gerado 5

**Editores:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário:** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Américo Junior Nunes da Silva

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24 Educação [recurso eletrônico] : atualidade e capacidade de transformação do conhecimento gerado 5 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-65-5706-290-6  
DOI 10.22533/at.ed.906201808

1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Planejamento educacional.  
I. Silva, Américo Junior Nunes da.

CDD 370

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Diante do atual cenário educacional brasileiro, resultado de constantes ataques deferidos ao longo da história, faz-se pertinente colocar no centro da discussão as diferentes questões educacionais, valorizando formas particulares de fazer ciência. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas educacionais postos pela contemporaneidade é um desafio, aceito por muitos professores pesquisadores brasileiros.

A área de Humanas e, sobretudo, a Educação, vem sofrendo destrato constante nos últimos anos, principalmente no que tange ao valorizar a sua produção científica. Precisamos criar diferentes espaços de resistência a todos os retrocessos que nos estão sendo impostos. O quinto volume deste livro, intitulado “**Educação: Atualidade e Capacidade de Transformação do Conhecimento Gerado**”, da forma como se organiza, é um desses lugares: permite-se ouvir, de diferentes formas, aqueles e aquelas que pensam e inter cruzam as discussões sobre as questões de Gênero, Educação Inclusiva e Sexualidade, em diferentes instituições e regiões do país.

Este livro, portanto, reúne trabalhos de pesquisa e experiências em diversos espaços, com o intuito de promover um amplo debate acerca das diversas problemáticas que permeiam o contexto educacional brasileiro e as questões voltadas à inclusão, sexualidade e gênero. Os capítulos que compõe essa obra abordam, de forma interdisciplinar, a partir da realização de pesquisas, relatos de casos e revisões, problemas e situações comuns do contexto educacional.

Por fim, ao levar em consideração todos os elementos que apresentamos anteriormente, esta obra, a partir das discussões que emergem de suas páginas, constitui-se enquanto importante leitura para aqueles que fazem Educação no país ou aqueles que se interessam pelas temáticas aqui discutidas. Nesse sentido, desejo uma boa leitura a todos e a todas.

Américo Junior Nunes da Silva

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
PROFESSORES DE CIÊNCIAS E ORIENTAÇÃO SEXUAL EM ESCOLAS MUNICIPAIS DE BARREIRAS - BAHIA	
Raquel Lima Besnosik	
Fábio de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9062018081</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
A DIVERSIDADE DOS SUJEITOS DA EJA: ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIOCULTURAIS NA ATUAL EDUCAÇÃO BRASILEIRA	
Amilton Alves de Souza	
Damile da Luz dos Santos Ferreira	
Edeilda Souza Gonçalves Viana	
Humberto Cordeiro Araujo Maia	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9062018082</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>34</b>
CONCEPÇÕES DE DOIS PROFESSORES DE CIÊNCIAS SOBRE A SEXUALIDADE TRABALHADA EM SUAS ESCOLAS	
Viviane Faria Lopes	
Paulo Henrique Mesquita Carneiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9062018083</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>49</b>
O DIÁLOGO SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR INTERCULTURAL E BILÍNGUE	
Marlene de Brito Kling Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9062018084</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>62</b>
CENAS E DIÁLOGOS ENTRE CRIANÇAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE PENSAM, SENTEM E FALAM SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO?	
Geisa Orlandini Cabiceira Garrido	
Maria de Fátima Salum Moreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9062018085</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>74</b>
APLICATIVO EDUCATIVO PIONEIRAS: O RECONHECIMENTO DAS MULHERES DO BRASIL	
Júlia Braga Marques Pereira	
Mikaele Duarte de Souza	
Frederico Alves Lopes	
Adriana Mara Vasconcelos Fernandes de Oliveira	
Vitória Bispo Umbelino	
Maria Luiza Andrade Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9062018086</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>86</b>
A PEDAGOGIA DE PROJETO FACILITANDO APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA EJA EM PRISÕES	
Angela Moraes Cordeiro Sena	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9062018087</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>97</b>
A EDUCAÇÃO ESCOLAR NOS AMBIENTES DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE	
Dayane Gasparotto Bertoli	
Vanessa Cristina Giangrossi	
Fernanda da Conceição de Lima	
Paula Nascimento da Silva Moura	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9062018088</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>107</b>
A FUNDAMENTAÇÃO DA EJA COMO PROSPECÇÃO PARA UMA EDUCAÇÃO DE RESSOCIALIZAÇÃO DE ALUNOS PRIVADOS DE LIBERDADE NA CASA DE DETENÇÃO DE ARIQUEMES	
Preves Santonira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9062018089</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>118</b>
CIDADANIA SEXUAL E “MASCULINIDADE EXTRAORDINÁRIA”: APONTAMENTOS EM GRAFITOS ESCOLARES	
Adriano Rogério Cardoso	
Tânia Regina Zimmermann	
<b>DOI 10.22533/at.ed.90620180810</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>135</b>
NAS TEIAS DE UM CURRÍCULO ESCOLAR: A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA EM FINOS FIOS	
Antônio Ferreira	
Edimara Gonçalves Soares	
<b>DOI 10.22533/at.ed.90620180811</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>146</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>147</b>

# A DIVERSIDADE DOS SUJEITOS DA EJA: ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIOCULTURAIS NA ATUAL EDUCAÇÃO BRASILEIRA

*Data de aceite: 03/08/2020*

*Data de submissão: 07/07/2020*

### **Amilton Alves de Souza**

Doutorando do Programa de Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento – DMMDC - Universidade Federal da Bahia. Coordenador Pedagógico da Rede de Ensino do Estado da Bahia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9668625884010498>

### **Damile da Luz dos Santos Ferreira**

Graduanda em Pedagogia pela Uniasselvi

### **Edeilda Souza Gonçalves Viana**

Graduanda em Pedagogia pela Uniasselvi

### **Humberto Cordeiro Araujo Maia**

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia - Unesp / Rio Claro. Professor da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4530359364310381>

**RESUMO:** O presente artigo científico, que apresenta como título “A diversidade dos Sujeitos da EJA: Aspectos históricos e socioculturais na atual educação brasileira”, e como questões problematizadoras “Qual a importância das histórias de vida dos alunos da Educação de Jovens e Adultos - EJA no seu processo identitário? Em que contexto eles estão inseridos na atual Educação Brasileira?”

Para respondermos tais questões, traçamos como objetivo geral: Compreender a diversidade dos sujeitos da EJA, nos aspectos históricos e socioculturais, relacionados na atual educação brasileira; e como objetivos específicos: analisar quem são e quais são as expectativas dos sujeitos; diferenciar o perfil do jovem e do adulto da EJA; apontar contribuições de Paulo Freire para compreender quem são os sujeitos. Utilizamos a modalidade de prática da pesquisa de campo, numa abordagem qualitativa, por compreendê-la como a classificação mais adequada ao tema investigado, visto que não se considerou apenas a quantificação, mas a interpretação das informações levantadas junto aos discentes, através de um roteiro de entrevista desenvolvido em uma instituição pública no município de Entre Rios –BA. Além da contribuição acadêmica, esperamos que a presente proposta investigativa contribua com o respeito à diversidade dos sujeitos da EJA em todos os aspectos, sejam históricos ou socioculturais. Concluímos, portanto, que embora o sujeito da EJA se perceba de forma desfavorável no contexto que estão inseridos, geralmente, seu reingresso na escola associa-se à procura de melhoria nas condições de vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação de Jovens e Adultos. Histórico de vida. Diversidade dos

## THE DIVERSITY OF EJA SUBJECTS: HISTORICAL AND SOCIOCULTURAL ASPECTS IN CURRENT BRAZILIAN EDUCATION

**ABSTRACT:** The present scientific article, entitled “The diversity of EJA Subjects: Historical and socio-cultural aspects in current Brazilian education”, and as problematic questions “What is the importance of the life stories of students of Youth and Adult Education - EJA in your identity process? In what context are they inserted in the current Brazilian Education? In order to answer such questions, we have outlined the general objective: To understand the diversity of the subjects of EJA, in the historical and socio-cultural aspects, related in the current Brazilian education; and as specific objectives: to analyze who they are and what are the expectations of the subjects; differentiate the profile of the youth and adult of the EJA; point out contributions by Paulo Freire to understand who the subjects are. We used the modality of practice of field research, in a qualitative approach, for understanding it as the most adequate classification to the investigated theme, since it was not considered only the quantification, but the interpretation of the information gathered from the students, through a questionnaire developed in a public institution in the municipality of Entre Rios – BA. In addition to the academic contribution, we hope that the present investigative proposal contributes with respect for the diversity of the subjects of EJA in all aspects, whether historical or socio-cultural. We conclude, therefore, that although the subject of EJA perceives itself in an unfavorable way in the context in which they are inserted, generally, their reentry to school is associated with the search for improvement in living conditions.

**KEYWORDS:** Youth and Adult Education. Life history. Diversity of Subjects.

### 1 | INTRODUÇÃO

Quando falamos de educação destinada a pessoas jovens e adultas, temos que tomar o cuidado de não generalizar esse público apenas como “não crianças”, mas, reconhecer os sujeitos situados no interior da diversidade de grupos culturais da sociedade contemporânea que, a partir de fatores diversos, não puderam seguir o caminho da escolaridade denominada regular. Pensar nos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) é trabalhar com e na diversidade. A diversidade se constitui das diferenças que distinguem os sujeitos uns dos outros - mulheres, homens, crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos, pessoas com necessidades especiais, indígenas, afros descendentes, entre outros.

Sendo assim, o presente artigo científico, que apresenta como título “A diversidade dos sujeitos da EJA: Aspectos Históricos e Socioculturais na atual Educação Brasileira”, tem como problemática: Qual a importância das histórias de vida dos alunos da EJA

no seu processo identitário? Em que contexto eles estão inseridos na atual Educação Brasileira?

Desse modo, esse trabalho tem como objetivo geral: Compreender a diversidade dos sujeitos da EJA, nos aspectos históricos e socioculturais, relacionados na atual educação brasileira. Já os objetivos específicos tiveram os encaminhamentos para: analisar quem são e quais são as expectativas dos sujeitos que, por vários motivos ao longo de sua vida, foram excluídos da escolarização, ou seja, que não tiveram direito de concluir seus estudos, sendo, desta maneira, excluídos também da sociedade, pois o analfabeto é incessantemente oprimido em tarefas corriqueiras do dia-a-dia; diferenciar o perfil do jovem e do adulto da EJA; apontar contribuições de Paulo Freire para compreender quem são os sujeitos da EJA.

Vale ressaltar, que a questão do ensino destinado a jovens e adultos não é nova no contexto social brasileiro. Há muito tempo tem se discutido a situação que distancia aqueles que obtiveram conhecimento e instrução no formato tradicional de escolarização e os demais que tiveram de abandonar os estudos por falta de oportunidade ou por ter que optar pelo trabalho, em detrimento dos estudos. Dessa forma, acabaram excluídos da escola e desprovidos do conhecimento e da formação que somente a escola proporciona.

O que nos originou a pesquisar essa temática, foi acreditar na relevância do tema, que nos propicia entender melhor as diversas nuances da educação brasileira. Vale destacar, que a diversidade de experiências vividas pelos homens em diferentes meios e condições de sobrevivência faz com que a sociedade, a cultura e a educação adquiram particularidades.

Dentro dessa proposta, foi utilizada a modalidade de prática da pesquisa de campo, numa abordagem qualitativa, por compreendê-la como a classificação mais adequada ao tema investigado visto que não se considerou apenas a quantificação, mas a interpretação das informações levantadas junto aos discentes, através de uma entrevista desenvolvida em uma instituição pública no município de Entre Rios –Ba, fazendo um paralelo entre os resultados encontrados.

O referido texto está dividido em seis seções, sendo a primeira esta a “Introdução”, fazendo uma contextualização do tema e apresentando o objetivo da pesquisa. Na segunda seção são abordadas questões sobre “Conceituando EJA correlacionadas às suas evoluções históricas”, no qual relata um pouco sobre suas evoluções históricas no contexto educacional, bem como o conceito de Educação de Jovens e Adultos.

A terceira seção discute acerca: “Identidade dos Sujeitos da EJA: os aspectos históricos e socioculturais”; subdivido em dois subtópicos que retrata sobre o “O perfil do Jovem na atual educação brasileira”, bem como “O perfil do adulto na atual educação brasileira”. Tratamos a respeito sobre a identidade dos sujeitos da EJA, fazendo uma comparação acerca do perfil do jovem e do adulto, entendendo-os na sua diversidade.

A quarta seção aponta as “Contribuições de Paulo Freire para entendermos que são

os sujeitos da EJA”, nela analisamos como a diversidade dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos era vista por esse renomado educador brasileiro.

A quinta seção “Materiais e métodos”, ressalta qual modalidade de pesquisa foi utilizada; verificando as realidades existentes em nossa região que se relacionam as pesquisas teóricas construídas.

A sexta seção faz uma análise sobre “Resultado e discussão”, mencionados na entrevista feita com os, que contribuiriam para a à importância de como a temática em si é compreendida e encarada por todos os envolvidos e por fim, a conclusão.

## **2 | CONCEITUANDO “EJA” CORRELACIONADA ÀS SUAS EVOLUÇÕES HISTÓRICAS**

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade do ensino fundamental e do ensino médio, que possibilita a oportunidade para muitas pessoas que não tiveram acesso ao conhecimento científico em idade própria, dando oportunidade para jovens e adultos iniciarem e /ou darem continuidade aos seus estudos. É, portanto, uma modalidade de ensino que visa garantir um direito aqueles que foram excluídos dos bancos escolares ou que não tiveram oportunidade de acessá-los.

A educação de jovens e adultos é um direito obrigatório garantido por lei, considerando as experiências não-formais, que deveria incluir no currículo vivências e práticas, de forma a permitir a interação e o diálogo entre os educandos. Para ter uma boa compreensão da Educação de Jovens e Adultos no Brasil é necessário fazer um retrospecto na história da educação brasileira. Vale observar, desta maneira, os mais variados aspectos que envolvem essa modalidade de ensino, desde o fim dos regimes das capitanias até Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), nº 9.394/96, relacionando fatos e datas considerados importantes em relação ao desenvolvimento e evolução do processo de alfabetização de jovens e adultos.

A Educação de Jovens e Adultos tem uma longa história e passou por várias mudanças de cunho sociais, econômicas e políticas ao longo dos anos. A Alfabetização de Jovens e Adultos iniciou no Brasil Colônia (1500-1822), onde o objetivo de ensinar as pessoas era ler e escrever para obedecer às regras da corte portuguesa. No ano de 1549 os Jesuítas começaram a catequização dos nativos brasileiros.

Nesse sentido, os jesuítas foram, sem dúvida, os primeiros educadores do Brasil. Mas utilizavam, na educação, o velho sistema escolástico em que os mestres eram encarados como exemplos vivos de virtude e de moralidade, passando a ser os únicos detentores do saber que os estudantes deveriam adquirir subordinadamente. Por isso, a Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino que, historicamente no Brasil, sempre foi vista como uma prática fragmentada, como um suplemento de programas. Esse fato deve-se a não exigência de formação específica de seus docentes, ficando a cargo do

próprio educador a busca por sua formação.

Porém, atualmente, a EJA exige uma discussão mais ampla no que diz respeito à sua verdadeira função na atual educação brasileira, é útil lembrar o estudo de Paiva (1973, p.16) que demonstra que “A educação de jovens e adultos é toda educação destinada àqueles que não tiveram oportunidades educacionais em idade própria ou que tiveram de forma insuficiente, não conseguindo alfabetizar-se e obter os conhecimentos básicos necessários”.

Por outro lado, as Diretrizes Curriculares Nacionais para EJA enfatizam a função social dessa modalidade de ensino, o perfil de seus educandos, metodologia, as formas de avaliação, e especialmente, os três eixos articuladores do currículo de EJA, a saber: cultura, trabalho e tempo. Os mesmos, atrelados, ou seja, vinculados aos conteúdos estruturantes de cada disciplina, podem ser uma forte sustentação para uma aprendizagem que leve à politização, pois uma das formas de exclusão é o despreparo para questionamentos e a participação, fatores fundamentais para a liberdade e a conscientização para chegar a uma transformação política.

Conforme defendido por Souza (2015), que mesmo diante das novas mudanças sociais, a sociedade que demanda um povo letrado não tem aproveitado o legado que a educação e aprendizagem de adultos podem oferecer acerca da luta pela paz, democracia, superação da violência, destruição ambiental, contribuição com o desenvolvimento sustentável.

Fica evidente, então, que a construção da identidade da Educação de Jovens e Adultos concretiza-se, sobretudo, na organização curricular, pois é neste momento que são delimitados os tempos e os espaços de ensinar e aprender, em que a diversidade apresentada por este grupo aponta para a construção de um currículo flexível, com a garantia de qualidade pedagógica que assegure a articulação entre os saberes vividos e os escolares. Destacamos o que expôs Souza (2015, p.54) na sua dissertação “Círculos de Diálogos e Práticas de Letramentos com as TIC: Saberes, Fazeres e Interfaces com a EJA:

A Educação de Adultos é entendida como práticas educativas que reconhecem e validam os saberes e experiências dos homens e mulheres do meio e da luta popular que por questões históricas, culturais e sociais tiveram seus direitos a educação negados em algum momento das suas vidas, tendo como movimento essencial neste processo educativo, a dialética tomada de conscientização política e a criticidade do que se ensina e aprende nas práticas educativas.

Amorim, Dantas, Faria (2016) conceituam a EJA como algo além de um simples projeto-político-pedagógico, ao menos para aqueles que estão comprometidos com a qualidade do ensino e conquistas dessa modalidade de ensino. Atualmente, pode-se dizer que a EJA é uma proposta que deu certo à medida que se constitui em proposta de transformação para a vida, mas com limitações de cunho orçamentário e de consolidação de políticas públicas, inclusive no contexto da formação continuada para docentes.

Porém, muitos têm uma visão equivocada em relação à EJA, reduzindo apenas ao supletivo, buscando na EJA uma formação rápida e compacta. Mas, a educação para Jovens e Adultos tem suas especificidades culturais, sociais e etárias. Nessa modalidade estão envolvidos diversos sujeitos que por algum motivo se afastaram ou não tiveram acesso à escola. Esses sujeitos, geralmente, tratados como massa de alunos, sem identidade, qualificados de qualquer rótulo, relacionados diretamente ao fracasso escolar.

Os cenários apresentados, então, sinalizam que ao pensarmos na EJA não podemos dissociá-la do trabalho e seus reflexos na histórias de vida dos sujeitos. Muitas vezes o trabalho realizado por esse público é cansativo, repetitivo e pouco valorizado, contudo, é nele que emerge a enorme quantidade de saberes que cada um destes alunos possui e constrói com base nas atividades que realizaram ou realizam, saberes não escolares, adquiridos ao longo dos anos por meio das experiências de vida.

Consideremos a seguir, as características desses sujeitos jovens e adultos, diferenciando o jovem e o adulto em suas especificidades para que entendamos as relações de conflitos entre eles e contribuindo a uma reflexão.

### **3 | IDENTIDADE DOS SUJEITOS DA EJA: ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIOCULTURAIS**

Quem são os sujeitos estudantes da EJA? Como o nome atribuído à modalidade já apresenta, são “jovens e adultos”, que do ponto de vista da aprendizagem não são pessoas vazias, elas têm uma história de vida marcada por trajetórias formativas, com conhecimentos acumulados ao longo de sua existência, onde cada aluno é um baú composto de enredos e pensamentos que se entrelaçam no complexo mundo da sala de aula. Os jovens e adultos, ou seja, os educandos na EJA, já concentram em si, contextos históricos e diversas realidades sociais, mas que nem sempre são evidenciadas nos currículos e nas práticas pedagógicas.

Vivemos atualmente numa sociedade onde as mudanças ocorrem diariamente com grande divulgação de informações; novas tecnologias; pluralidade cultural; étnica, econômica e política, dentre outras. E nesse contexto, a EJA é uma modalidade de ensino que apresenta uma multiplicidade de sujeitos na condição de alunos na realidade da educação brasileira. E esses sujeitos têm perfis diferentes, mediante a sua faixa etária.

Pensar nos sujeitos da EJA é perceber que eles fazem parte de grupos sociais diferentes e que não tiveram acesso a escolarização. É reconhecer suas diversidades e com certeza, percebê-los como grupo heterogêneo e com suas especificidades para os quais o mundo ainda está se apresentando.

Há de se considerar a diversidade cultural e social que constitui esse sujeito, partindo do princípio que os mesmos são de diferentes grupos, entre eles: trabalhadores, mulheres, homossexuais, jovens, pobres, negros, subordinados, excluídos, idosos, marginalizados,

suburbanos de periferias entre outros, que trazem em si mais variadas histórias de vida tendo sua existência marcada por situações adversas, sendo assim singulares, considerando-os como oprimidos dessa sociedade.

É sob essa ótica que a educação deve ir além dos códigos, a mesma tem que primar por contribuir com a organização crítica do pensamento de seu educando, oferecendo-lhes meios para superar a ingenuidade do pensar a partir de sua realidade, apoderando-se da criticidade desta, para a conquista desta mudança por meio da educação.

Porém, nota-se que numa mesma sala de aula é possível encontrar alunos que não sabem ler nem escrever, e outros que já sabem alguma coisa, mas não dominam o código ortográfico da língua. Do ponto de vista da faixa etária, vemos que os alunos são adultos que depois de muitos anos voltaram a estudar, mas também jovens de 15 a 18 anos que por algum motivo interromperam os estudos, e retornam para o ensino noturno do EJA.

Fica notório, que a Educação de Jovens e Adultos possui algumas complexidades devido à diferença de idade na mesma turma. A primeira é articular as diferenças culturais geracionais e históricas, e a segunda diz respeito à postura que ainda se tem em relação aos alunos do EJA, por se tratar de uma população analfabeta e em sua maioria, pobre; e nada melhor que conhecer essas identidades, ou seja, os perfis desses alunos que estudam nessa modalidade.

Portanto, quando se fala em alunos com idade superior, fala-se de sujeitos que são trabalhadores, casados, com filhos, entre outras situações. E é por essas situações que o professor precisa entender as necessidades de seus alunos, ter flexibilidade, tolerância e firmeza. Como salienta Arroyo(2017, p. 157) “[...] o direito à educação não se esgota no direito ao conhecimento. São sujeitos de cultura; chegam com suas identidades, culturas, valores”. É preciso que o educador crie possibilidades de ensino com conteúdos e métodos mais elaborados para estar preparado para dar respostas às diferenças individuais e sociais desse aluno da EJA, pois os mesmos chegam nas escolas desmotivados, carentes e com dificuldades de aprendizagem. Freire (1987, p.169) pontua “Quanto mais investigo o pensar do povo com ele, tanto mais nos educamos juntos. Quanto mais nos educamos, tanto mais continuamos investigando”. Assim, faz-se necessário investigar o perfil da diversidade desses sujeitos da EJA, nesse cenário da educação brasileira.

### **3.1 O perfil do jovem da eja na atual educação brasileira**

Os jovens que frequentam a EJA são sujeitos com histórias de vida que são únicas, diferentes de outros da mesma idade, trazendo consigo uma condição de exclusão do sistema regular de ensino, seja por evasão ou retenção. O mesmo pode ser: homem, mulher, lésbica, gay, bissexual, transexual e travesti, negro, cigano, indígena, favelado, dentre outros.

Esses sujeitos que procuram a EJA como alternativa para dar continuidade a sua

escolarização e nesse caso, a conclusão do ensino fundamental, são sujeitos em um adiantado processo de socialização, ocorrido principalmente em espaços não escolares, onde aconteceram interações certamente significativas, no convívio com seus pares, nos seus grupos de pertencimento, em outras instituições, ou até mesmo, a partir das suas experiências malsucedidas na instituição escolar. Por isso, há necessidade de analisar as histórias de vida desses sujeitos, os aspectos em que os mesmos estão envolvidos para se trabalhar a diversidade. Conforme afirmam Arruda, Dantas e Faria:

Compreender o perfil do estudante da EJA requer conhecer a sua história, cultura e costumes, entendendo-os como um sujeito com diferentes experiências de vida e que, em algum momento, afastou-se da escola devido a fatores sociais, econômicos, políticos e/ou culturais. Entre outros fatores, destacamos o ingresso prematuro no mundo do trabalho, a evasão ou a repetência escolar (2016, p. 39).

Assim, esse jovem em busca de ingressar no mercado de trabalho ou garantir o seu emprego entra na escola da EJA com o objetivo de concluir etapas de sua escolaridade, procurando melhores oportunidades de trabalho e pertencer ao mundo letrado.

Vale ressaltar, que o educando jovem, muita das vezes, é um adolescente com baixa autoestima, rebelde, que não acredita em seu potencial. Existe uma multiplicidade de experiências entre eles. A classe social, condição étnica e de gênero, inseridos ou não no mercado de trabalho, orientação sexual, religiosa de cada jovem é diferente.

Todavia esses jovens que ultrapassam a barreira da baixa autoestima e da opressão através da aprendizagem formal, como exprime Paulo Freire no seu livro *Pedagogia do Oprimido* que busca a libertação através das suas práxis pela necessidade do conhecimento e reconhecimento de lutar por ela, esses, vivem num contexto de condições precárias relacionadas a saúde, alimentação, moradia, trabalho.

Para que se garanta um entendimento mais próximo à identidade, ou ao perfil dos jovens que frequentam a EJA é necessário dizer que não estamos falando de qualquer jovem. Falamos de um grupo específico de pessoas, dentro da diversidade dos grupos que compõem esta sociedade.

Estes são os jovens que de alguma forma foram excluídos da escola, que normalmente apresentam dificuldades e resistências com relação à organização escolar ou atividades pedagógicas, oriundos das classes sociais menos favorecidas, ativos, comunicativos, criativos, enfim, com um grande potencial, mas que não se enquadram ao perfil dos bons ou boas estudantes, criado pela cultura escolar dominante. Como Gadotti (2012, p. 10) corrobora este pensamento dizendo que “não dá para falar de uma educação em geral, separando-a de seu contexto histórico”.

Nesta perspectiva, é preciso qualificar de que educação brasileira estamos falando, a partir de que ponto de vista. Precisa-se indicar especificamente de que lugar, de que território, está inserida. Toda educação é necessariamente situada historicamente. Portanto, compreende-se que há uma heterogeneidade dessa população atendida pela

modalidade da Educação de Jovens e Adultos com características e especificidades distintas, pois uma grande parcela dos alunos da EJA são sujeitos sociais e culturais, marginalizados nas esferas socioeconômicas e educacionais o que acarreta uma falta de comprometimento e uma não participação ativa na sociedade.

### **3.2 O perfil do adulto da eja na atual educação brasileira**

É preciso agora compreender o perfil do adulto como sujeito da EJA: quem é, que demanda traz, quais suas necessidades e expectativas. Em sua trajetória de vida, vivenciou momentos marcados pelo desemprego e a falta de oportunidades; foi vítima da violência e da exclusão social. Contudo, também contribuiu nos movimentos sociais do campo ou das cidades.

Sendo assim, deixar a escola foi devido a este longo caminho, da negação de direitos. Quando, pois, este adulto retorna aos estudos, traz consigo suas experiências de vida, com crenças e valores já adquiridos decorrentes do mundo do trabalho no qual está inserido, ao meio em que vive e as responsabilidades familiares.

No entanto, lidar com esses adultos, tornou-se um desafio para o educador, uma vez que, segundo Amorim, Dantas e Faria (2016, p.41) “Nesse processo, é necessário conceber que esses sujeitos compõem, em sua maioria e diversidade, o coletivo das classes populares. Jovens e adultos que possuem características de vida semelhantes, nos aspectos econômicos, culturais e políticos (...)”. O modo como o aluno adulto chega à aprendizagem é marcado pela classe social à qual pertence. Em muitos casos poderá ser esta a razão de sua desistência. São pessoas com baixo poder aquisitivo, cuja condição socioeconômica não os impulsiona a buscar pelos seus direitos civis. Estas pessoas acabam por acreditar que educação não foi feita para elas e que foram criadas para serem subordinadas as elites e não chefes.

Em consonância (ARROYO, 2016, p. 188) relata que “Há outras pedagogias que tentam aprender com as pedagogias dos oprimidos, dos vitimados. Pedagogias de resistência a essas bondosas pedagogias históricas”. Vale destacar, que no contexto da educação brasileira, cabe ao professor, procurar conhecer o motivo que trouxe o adulto ao retorno dos estudos, pois esse fato será fundamental ao estímulo de aprendizagem o que fará com que permaneça na aula.

São características do adulto algumas limitações são construídas pela experiência nos seus aspectos histórico, social e cultural. O mesmo pode apresentar dificuldade de audição, visão, alterações do tempo de reação, alterações da capacidade de aprendizagem, alterações de perspectiva, adquirindo hábitos bastante rígidos. Os papéis sociais que o adulto desempenha estão associados com certas ideias e atitudes que dificilmente conseguirão mudar, o que pode ser um obstáculo ao processo educativo. Além do cansaço, fadiga e falta de tempo devido a sua jornada no trabalho e na família.

Respeitar o ritmo de aprendizagem de cada adulto é um compromisso do educador,

uma vez que esse ritmo vai diminuindo à medida que a idade aumenta. Para facilitar a aprendizagem, o conteúdo deve ser significativo. Os educandos gostam de saber que o aprendido vai ser relevante em sua vida atual e futura. Aproveitar as experiências que os alunos trazem com o trabalho é uma maneira de organizar conteúdos mais apropriados. Como afirma Arroyo (2016, p. 195) “reconstruir a memória é uma das formas de reconstruir a realidade pessoal, coletiva, social”.

Nessa direção, estamos todos, discentes e docentes, na condição de trabalhadores e sendo assim, reconhecemos uns aos outros como sujeitos que carregam experiências, expectativas e histórias de vida, apontando, portanto, um caminho para a compreensão das especificidades da educação de Jovens e Adultos.

Podemos perceber que um dos grandes desafios da Educação de Jovens e Adultos é promover a educação para que toda a diversidade de sujeitos envolvidos reconheçam uns aos outros, respeitando e convivendo num ambiente democrático. Vale lembrar, que o exercício da escuta entre os sujeitos é fundamental para o reconhecimento e a comunicação, lembrando que Freire contribuiu muito para que pudéssemos reconhecer esses sujeitos que fazem parte da EJA.

#### **4 | CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE PARA ENTENDERMOS QUEM SÃO OS SUJEITOS DA EJA**

A educação é um fenômeno complexo, composto por um grande número de correntes, vertentes, tendências e concepções, enraizadas em culturas e filosofias diversas, nesses aspectos estão inseridos a diversidade dos sujeitos da EJA. No cenário da educação brasileira, pensar em Educação de Jovens e Adultos é pensar em Paulo Freire; um dos educadores brasileiros que mais discutiu sobre a EJA e nos proporciona refletir sobre quem são os sujeitos que fazem parte desta modalidade de ensino.

A proposta educacional de Freire tem como concepções metodológicas o respeito ao educando, o diálogo e o desenvolvimento da criticidade. Mas sua pedagogia fundamenta-se sobre dois princípios essenciais: a politicidade e a dialogicidade. Como salienta Arroyo (2016, p. 88) no seu livro “Passageiros da Noite do Trabalho para EJA”;

Será necessário reaprender com Paulo Freire as pedagogias dos oprimidos. Lembrávamos que Paulo Freire e o Movimento de Cultura e Libertação Popular aprenderam como dos trabalhadores do campo vinha essa outra matriz, outro paradigma pedagógico, político. Outra forma de pensá-los é em seu processo como sujeitos de conhecimento, e não como recebedores de um conhecimento de que outro ou outros lhes fazem doação ou lhes prescrevem.

É notório, que a ideia inicial do pensamento de Freire compreende uma educação que não é neutra, pois a mesma quando vista sobre as dimensões da ação e da reflexão de certa existência pressupõe a atuação do homem sobre essa realidade. Vimos também que a Educação de Jovens e Adultos é formada justamente por sujeitos que buscam

seu espaço no mundo atual em meio a tantos preconceitos e desigualdades. O princípio da politicidade nas ideias de Freire concebe a educação como problematizadora, que mediada pelo diálogo busca a transformação através do pensamento crítico e reflexivo.

Mesmo na adversidade e diante do desespero, Freire via esperança para diversidade dos sujeitos excluídos e marginalizados. Encontrar uma saída era algo novo em sua experiência de vida e a sensibilidade desse autor permite que a educação seja uma alternativa para esta condição.

Não teme enfrentar, não teme ouvir, não teme o desvelamento do mundo. Não teme o encontro com o povo. Não teme o diálogo com ele, de que resulta o crescente saber de ambos. Não se sente dono do tempo, nem dono dos homens, nem libertador dos oprimidos. Com eles se compromete, dentro do tempo, para com eles lutar (FREIRE, 1987, p.59).

Nota-se que estar na opressão não é desejo de nenhum sujeito. Se há opressão é porque existe um opressor nesta conjuntura dialética de poder. Poder este que impede o sujeito de ser quem ele realmente é, e mais, poder este que vai contra o ser mais de um homem livre e ativo. Assim, diante da injustiça social e miséria, o discurso político nos acostumou a escutar reivindicações unicamente econômicas e governamentais, mas o aguçado olhar político e social de Paulo Freire assinala um desafio para a educação. A mudança é possível, o conhecimento traz consigo novas possibilidades de mudanças, nem sempre cem por cento, mas uma forma satisfatória para aquele que se apossa dele. Segundo Souza;

A pedagogia Freiriana, como propósito na época, provocava no alfabetizando a reflexão sobre seu papel no seu contexto social enquanto se aprendia. Por exemplo, ao escrever a palavra sociedade, levava o sujeito a repensar o seu cotidiano e o seu lugar de fala, ao mesmo tempo se aprendia a decodificar o valor sonoro de cada sílaba que compõe a palavra, a partir do seu cotidiano. Todo esse processo formativo permite promover, na verdade, a superação de uma consciência ingênua perpassando para a consciência crítica do sujeito (2015, p. 94)

Observa-se que na diversidade dos sujeitos da EJA na educação brasileira encontramos jovens, adultos, trabalhadores, pessoa com deficiência, pluralidade cultural, faixa etária diferenciadas, com expectativas de futuro, sonhos, possuem uma história de vida, participam de grupos e lutas sociais, dentre outros. Com essas especificidades notamos que a possibilidade de conflitos se torna inevitável. Por isso, o conhecimento e aceitação de que possuem ideias próprias, expectativas e necessidades diferenciadas é fundamental.

Os jovens e adultos da EJA parecem não perceber que muitos dos conflitos que acontecem no ambiente escolar poderiam ser evitados apenas com o poder do diálogo. “Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não é possível o diálogo” Freire (1987, p. 137). Neste sentido, as relações pedagógicas devem estar amarradas nas interações estabelecidas entre sujeitos, culturas, objetos e espaços que configuram o processo educativo de acordo com o interesse que move o grupo.

Assim, se as pessoas realmente escutassem umas, as outras, muitos conflitos seriam evitados. Escutar é compreender e respeitar o pensamento do outro buscando entender os diferentes saberes que todos nós possuímos, reconhecendo e respeitando pontos de vistas diferentes. Não somos iguais, cada um é um, é único, mas mesmo assim, é possível haver comunicação. Geralmente, não percebemos e não deixamos o outro terminar o seu raciocínio e rapidamente interrompemos para expor a nossa opinião como se existisse somente a nossa verdade, sem ao menos, sinceramente nos disponibilizarmos a ouvir o que o outro quer nos dizer com aquelas palavras.

Nota-se a necessidade que, no ambiente escolar, aconteça efetivamente a escuta e o diálogo para que haja a compreensão da dinâmica do grupo e que os conflitos entre eles sejam encarados com respeito e percebam as diferenças de cada um. Ouvir verdadeiramente o outro e ser ouvido é uma característica própria do ser humano, portanto responsabilidade e dever de todos nós. Para escutarmos genuinamente o outro, devemos praticar diariamente com verdadeira disponibilidade, só assim perceberemos o outro como a nós mesmos. No entanto, é fundamental que o grupo desenvolva o respeito mútuo, a humildade e o amor. Como afirma Freire (1987, p. 139) “Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé, nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um polo no outro é consequência óbvia”.

Valorizar as relações positivas e ampliá-las de forma a buscar estes momentos é ideal para o convívio entre jovens e adultos no ambiente escolar. Dessa forma, cabe aos Educadores da EJA um olhar diferenciado, atento, valorizando e proporcionando um aprendizado de respeito às coletividades e individualidades através do exercício incansável de admitir a abertura do diálogo e da escuta em todos os momentos vivenciados na sala de aula e fora dela buscando, assim, um ambiente escolar propício à aprendizagem significativa, humanizada, para a partir dos sujeitos.

Vale ressaltar, que Freire (1987) começa a discutir que esses sujeitos da EJA, falando especificamente do aluno analfabeto, é um ser que tem sua cultura, não é um objeto a ser moldado pela educação, neste momento é notório a compreensão de que devemos alfabetizar a partir de um contexto já vivenciado pelos mesmos.

Nessa perspectiva conseguimos esclarecer nesse processo que a EJA é uma modalidade de ensino diferente, pois trabalhar com sujeitos diferentes, sujeitos esses que já tem uma apropriação do mundo, mesmo, que ainda não tenha uma apropriação da palavra. Freire (1987, p. 33) salienta “[...] os caminhos da liberação são os do oprimido que se libera: ele não é coisa que se resgata, é sujeito que se deve autoconfigurar responsabilmente”.

Pensando desta forma, percebemos que neste processo de ressocialização se valoriza a inclusão, na qual se percebe que os sujeitos vêm de realidades diferentes, de vivências diferentes, e que a prática pedagógica não pode estar desassociada destes fatores os quais devem compor o processo de aprendizagem.

Nesta mesma dimensão a EJA deve primar por este processo de ressocialização o qual compreende os sujeitos como sujeitos de vivências e histórias de vidas. Ainda refletindo sobre a EJA (FREIRE, 1987, p. 31) aponta para tal:

A prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica. Uma cultura tecida com a trama da dominação, por mais generosa que sejam os propósitos de seus educadores, é barreira cerrada às possibilidades educacionais dos que se situam nas subculturas dos proletários e marginais.

Portanto, nesta contribuição de Freire, para que possamos compreender quem são esses sujeitos imersos na educação de jovens e adultos, é perceptível que estes sujeitos possuem cultura, histórias de vidas e realidades diferentes, por isso não podem ser tratados como iguais pelo sistema de ensino.

## 5 | SABERES METODOLÓGICOS

O artigo foi construído a partir da abordagem qualitativa e classificada metodologicamente do tipo estudo de caso. Nesse sentido, uma característica importante dessa pesquisa é que ela é exploratória, ou seja, incentiva os sujeitos a pensarem livremente sobre algum tema, objeto ou conceito. A pesquisa qualitativa não tem caráter mensurável e, conforme Silva e Silva (2007), possui como principal técnica a interpretação dos fenômenos, a atribuição de significados, as observações e análises.

A pesquisa exploratória segundo Lakatos e Marconi (2006) tem como finalidade aprofundar o nível de conhecimento sobre determinada temática, assunto e ou realidade prática. Foi pensando em desenvolver uma prática comprometida com a realidade de sala de aula, voltada para a orientação de um aprendizado que realmente fundamentasse uma nova construção social pautada na relação entre os sujeitos, que se organizou este trabalho de pesquisa.

Para complementar, a pesquisa qualitativa, utilizamos o estudo de caso como instrumentização do processo. Segundo Minayo (1994, p. 53), a pesquisa de campo é “o recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto da investigação”. Isto é o mesmo que dizer: é a escolha de uma área para aplicar a teoria da pesquisa.

Segundo Gil (2008) o estudo de caso vem sendo utilizado com maior frequência pelos pesquisadores sociais, visto servir a pesquisas com diferentes propósitos, tais como:

- a) explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos; b) descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação; e c) explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos (GIL, 2008, p.58).

Para tais procedimentos metodológicos em seus dispositivos, utilizamos às entrevistas, onde realizou-se perguntas acerca do tema estudado, sendo realizado com 04 (quatro) sujeitos da EJA, onde 02 (duas) alunas são do sexo feminino, com 19 e 47 anos, e 02 (dois) do sexo masculino com 20 e 55 anos. Onde demos os respectivos nomes: Jaime e Maria - jovens/ Jorge e Joana - adultos (nomes fictícios para preservação de identidade). Os mesmos são da rede de ensino público Escola Municipal Padre José de Anchieta do município de Entre Rios-BA; e a modalidade EJA é ofertada no turno noturno.

Para a realização das entrevistas qualitativas com os sujeitos, utilizamos perguntas individuais como instrumento de coleta de Informações.

Tudo isso porque entendemos que o pesquisador precisa ter habilidade, conhecimento e preparo para a realização dessa metodologia. Assim, as três perguntas abertas semiestruturada, correspondente a uma sequência de perguntas organizadas previamente e que possui a finalidade de nortear os objetivos que se pretendem alcançar com a pesquisa e referentes à problemática em questão: “Qual a importância das histórias de vida dos alunos da EJA no seu processo identitário? Em que contexto eles estão inseridos na atual Educação Brasileira?”

Nesse momento, o objeto de pesquisa e os objetivos estabelecidos no estudo, se inscreveram numa abordagem qualitativa, por compreendê-la como a classificação mais adequada ao tema investigado visto que não se considerou apenas a quantificação, mas a interpretação dos dados levantados. Assim, a análise das informações foi realizada com base nas respostas obtidas na entrevista. Utilizou-se para tal fim, a fase de análise e sistematização das informações por meio da triangulação das categorias através da descrição, ou seja, significa olhar para os dados da pesquisa, a partir de mais de uma fonte de informações advindas de diferentes ângulos para corroborar e responder o problema de pesquisa.

## **6 | RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Ao verificarmos a diversidade dos sujeitos da EJA nos aspectos históricos e socioculturais, nos remetemos a umas realidades muito próximas, existente em nossa região que se relacionam as pesquisas teóricas construídas.

Assim, para compreender essa realidade, realizamos uma entrevista com duplas diferentes de alunos da EJA, uma de jovens e outro de adultos com faixas etárias diferentes, mas que acabaram evidenciando a mesma história de vida, que é o abandono dos estudos, na idade regular.

Assim, foi realizada uma pesquisa de campo na Escola Padre José de Anchieta, instituição da rede pública de ensino, no Bairro Cidade Nova, da cidade de Entre Rios, Bahia. O bairro que a escola está inserida é de uma comunidade pobre, onde existem alguns grupos de quilombolas. É uma comunidade violenta, onde muitos jovens e adolescentes

têm entrado no mundo do crime e têm abandonado os estudos. Ao mesmo tempo que as jovens, muitas delas, têm se envolvido com traficantes e acabam engravidando e deixando os estudos. Essa reflexão nos leva a entender o que salienta Silva (2010, p.75) no livro *Juventude Negra na EJA: o direito à diferença*;

Entendê-los como jovens pode parecer fácil no discurso, porém o dia a dia de uma sala de aula exige que essa compreensão esteja presente na relação pedagógica, nas metodologias adotadas e na relação de conflitos geracionais. Para tal, faz-se necessário entender e ver esses jovens além da categoria abstrata de “aluno”, compreendendo-os como sujeitos. E sujeitos jovens.

Vale ressaltar, que ainda tem um grande número de pessoas adultas e idosas analfabetas, que procuram a EJA como um refúgio, além de aprender a ler e a escrever. A população vive com medo e muitas das vezes, a guarnição policial deve estar na escola para que os professores possam dar aula.

Esses quatro sujeitos que foram entrevistados, representam muitos do que estão inseridos na modalidade da EJA, e por vários motivos não tiveram a oportunidade de expor as causas da desistência e do retorno à educação. Cabe ressaltar, que esses alunos, representam diversos sujeitos que estão inseridos na atual Educação Brasileira.

Nesse sentido, no momento da entrevista, os discentes tiveram a oportunidade de pensar em sua relação na ação educativa, percebendo-se como sujeitos que possuem experiências e uma história de vida. É preciso aprender com a nossa história, para que não continuemos reproduzindo os mesmos mecanismos de fracasso e exclusão.

Quais os seus motivos de retornar para a sala de aula?
JORGE (55 anos)
“Os motivos que mim fizeram voltar a estudar é que hoje eu vejo a falta que o estudo faz na vida, e o quanto tudo seria diferente se eu estivesse estudado. Vejo o meu netinho mexendo no celular e dizendo: Vovô ler aqui para mim. E eu envergonhado dizer que as vistas estão ruins, com vergonha de dizer que eu não sabia ler.”
JOANA (47 anos)
“Os motivos que me fizeram voltar a estudar foi que na minha infância eu não podia porque tinha que cuidar dos meus irmãos mais novos e dá casa, enquanto mainha trabalhava, quero estudar para aprender a escrever meu nome e ler, porque quem não sabe ler é cego.”
JAIME (20 anos)
“Voltei para concluir o ensino médio e aprender mais, para arrumar um “trampo” digno mais tarde e crescer na vida e dar uma casa própria para minha mãe. Chega de vida miserável. Faço de tudo para fugir da bandidagem”
MARIA (19 anos)
“Os motivos que me fizeram retornar os estudos é que agora minha filha está maiorzinha e eu quero concluir os estudos para conseguir um bom emprego e mudar de vida. Quero que minha filha me tenha como exemplo e não faça a besteira que eu fiz de largar os estudos por achar as aulas chatas e sair para namorar.

Tabela 1- Retorno à escola

Fonte: Elaborado pelos autores, 2019

Em análise às respostas dadas pela diversidade dos sujeitos que compõem a EJA, podemos observar que uns dos motivos dos alunos adultos de voltar a estudar é o simples fato de aprender a ler e escrever, mostrando que hoje esses alunos estão estudando porque não tiveram nenhuma condição em sua idade específica de estudar e tendo, pois, que abdicar do direito de estudar que deveria ser para todos. Um artigo da Revista Pedagógica (2012, p.21) informa que “O ser objetivo em educação vem sendo compreendido como estabelecer- independentemente das variáveis sociais, culturais e econômicas- parâmetros universais que possam ser medidos através de instrumento igualmente único para todos”. Nesse sentido, independentemente dos aspectos históricos e socioculturais dos sujeitos que compõem a EJA, o ser objetivo em educação é estabelecer conhecimentos diversos e atentar as pessoas à consciência das semelhanças e da relação de interdependência entre os seres humanos o meio ambiente e o mundo, formando cidadãos plenos e conscientes.

Para essa educação, o saber do professor não pode se resumir aos saberes da prática, e nem mesmo de metodologias pedagógicas pragmáticas consolidadas em formações e que não valorizam ou reconhecem a realidade vivenciadas por esses sujeitos que compõem a Educação de Jovens e adultos. Os motivos que fizeram esses adultos Jorge (2019) e Joana (2019) retornarem aos estudos, demonstram que o que vai determinar as suas aprendizagens na leitura e escrita não é o tempo que eles passam na escola, mas é o que se faz com as situações trazidas por eles, pois é fundamental construir uma aprendizagem a partir das experiências dos sujeitos na relação consigo e com o outro, bem como o seu conhecimento de mundo.

Já os alunos jovens os objetivos retornarem se diferem pelo fato de buscarem concluir os estudos para poderem conseguir um bom emprego para ajudar a família, ser exemplo para os que estão próximos e não entrar na criminalidade. Na realidade a modalidade EJA tem ido uma “porta de escape” para eles mudarem as suas histórias de vida, superando os aspectos históricos e socioculturais a qual fazem parte.

Observando as respostas disponibilizadas pelos alunos de EJA, nos remetemos ao pensamento Arroyo:

Exigem outros olhares, outros tratos. Exigem ser reconhecidos passageiros pelo direito a um justo reconhecimento social, político e pedagógico, retomando essas vivências como periféricos, como vítimas do apartheid social, racial, espacial e, sobretudo retomando as autoimagens –identidades, valores e saberes que constroem ao tentar um digno, justo, humano viver. Esse será o caminho para que a escola e a EJA sejam uma experiência marcante de educação (2017, p.40)

Prestamo-nos a escutar os motivos que ocasionaram seu regresso, mas, importante mesmo, quais são os motivos que fazem esses alunos deixarem de estudar isso é muito importante, na perspectiva de se ter um processo de aprendizagem que esteja de acordo com as vivências e histórias de vida, desses jovens alunos, adultos e idosos.

O que te levou abandonar os estudos?
JORGE (55 anos)
“Eu deixei de estudar porque eu precisei trabalhar na roça para ajudar meu pai. ”
JOANA (47 anos)
“Parei porque tomava conta dos meus irmãos caçulas, depois casei, construí uma família, e tive dois filhos, daí não tive mais tempo de estudar. ”
JAIME (20 anos)
“Me envolvi com algumas amizades, alguns colegas se afastavam de mim na sala e comecei a ficar com medo e vergonha de ir para a escola. A solução foi abandonar os estudos e procurar outras coisas para fazer.”
MARIA (19 anos)
“Achava as aulas chatas, as vezes saia da escola para namorar e acabei engravidando e abandonando os estudos. ”

Tabela 2- Abandono dos estudos

Fonte: Elaborado pelos autores, 2019

Fica evidente, que esses sujeitos tiveram os seus motivos para abandonarem os estudos em épocas, tempo e realidades diferentes. Os mesmos estão inseridos na sala de aula da EJA em busca de correr atrás dos seus objetivos. Essa realidade foi comprovada ao analisar a dissertação de Souza, o qual relata as suas experiências vivenciadas no percurso da EJA;

[...]. Após mais um cansativo dia de aula, cursávamos a 7ª série do ensino fundamental II, adentramos o ambiente familiar e encontramos nossa mãe em estado terminal de câncer, assim resolvi abandonar os estudos, pois não havia mais motivação para continuar. Porém, fomos convencidos por professores, amigos e familiares a cursar EJA. Outra condição foi a econômica, após a morte de nossa mãe, tivemos que trabalhar com uma tia vendendo sapatos na feira, todos os dias, para começar a nos manter, apesar de nosso pai ainda custear a casa, essa condição foi determinante para ingressar na EJA (2015, p.24)

Souza (2015) salienta os motivos que fizeram com que ele escolhesse essa modalidade de ensino e da trajetória na EJA sendo o seu impulsionamento a partir de duas condições: uma econômica e outra afetiva. Além de enfrentar a morte da mãe, o mesmo teve que trabalhar para ajudar a custear as despesas da casa. Nesse sentido, denota a situação de vários jovens e adultos que por algum motivo tiveram que abandonar os estudos e veem na modalidade de ensino EJA a oportunidade de mudar o contexto de lutas em que vivem. Arroyo (2017, p. 49) reforça dizendo que “A compreensão de suas lutas pelo direito à educação ficará radicalizada se articulada as suas lutas pelos direitos do trabalho”.

Conforme o relato dos sujeitos Jorge e Joana, percebe-se que são adultos de sexos opostos, mas trajetórias semelhantes, tiveram que abandonar os estudos por questões familiares e socioculturais quando novos e por causa disso, perderam muitas

oportunidades.

As especialidades dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos são demarcadas pelos seus modos de vida, articuladas com as lutas sociais populares por eles enfrentadas, assim como pela vida laboral, religiosa e familiar. A educação o de Jovens e Adultos tem no seu coletivo de estudantes a diversidade de sujeitos que têm em comum as suas origens de grupos populares, historicamente desrespeitados pela negação de muitos dos seus direitos sociais (AMORIM, DANTAS, FARIA, 2016, p. 109)

Ao conhecer essa realidade adquirimos a capacidade de percebermos os limites das políticas compensatórias que visam atender aos interesses alheios as necessidades dos cidadãos das classes menos favorecidas. Estudos tem mostrado a importância de se aprofundar nas questões políticas e verificar que, os alunos da EJA são sujeitos da sua própria história, e para tanto é preciso investir nas discussões no cotidiano escolar para transformar essa realidade que está sendo imposta. Lembre-se de que sozinho não se pode mudar a situação, mas juntos poderemos transformar esses sujeitos a fim de que possam intervir nas decisões da sociedade.

No que tange as falas de Maria e Jaime, percebe-se que são jovens, seus perfis e as suas trajetórias na educação não fogem as características daqueles descritos por Arroyo (2017) quando são condenados a ficar no mesmo lugar social, racial, ou quando são obrigados a saídas escolares de emergência, não vivenciam ritos de passagens, mas ritos de impasses. No entanto, as motivações para retomar os estudos também condizem com à busca por melhorias na qualidade de vida e a necessidade de ampliação do conhecimento.

As narrativas revelam que os sujeitos estudantes da EJA, independentemente da idade, do sexo, do credo religioso, da sua sexualidade, buscam a escola como possibilidade de inserção social. Nessa direção Amorim, Dantas e Faria (2016, p. 46) dizem que:

Assim, os jovens e adultos da EJA podem ser analisados como sujeitos, que por diversos motivos, desejam ser mais do que já são e querem ir além do que já foram. São sujeitos que, na maior parte das vezes, não tiveram o seu potencial reconhecido, os seus direitos resguardados, mas que há muito tempo atua como cidadãos, mesmo sem ter frequentado a escola na idade considerada ideal. A busca pelo conhecimento escolar, diante do que procuram, vai conduzir esse jovem e adulto ao reconhecimento social, através do letramento, de um emprego melhor ou de um salário maior.

A educação brasileira tem servido ao capitalismo, por isso, a organização do trabalho e a escola não têm condições de se manterem excluídos desse processo de desenvolvimento da sociedade e assim, surge a oportunidade de evoluírem em sentidos diferentes a qualificação dos postos de trabalho e a qualificação dos trabalhadores.

Aproximar-se dessa realidade e conhecer a diversidade desses sujeitos, nos aspectos históricos e socioculturais facilitará o trabalho docente, trazendo suas histórias de vida, experiências para o contexto da sala de aula, para que assim, os alunos da EJA possam encontrar motivação para continuarem os estudos, sem que haja, num determinado tempo a evasão.

Cite um fato interessante que melhorou a sua vida após fazer parte da sala de aula da EJA?
JORGE (55 anos)
“Eu escrevi uma mensagem no “zap” para minha família: Eu amo vocês família linda, fica com nossa senhora. ”
JOANA (47 anos)
“Consigo ler o livro de receita que ganhei há muito tempo e sempre que ia fazer uma receita nova, pedia a alguém para ler. Hoje não, vou lá, coloco os meus óculos e procuro a receita que eu quero fazer. Vixe Maria!”
JAIME (20 anos)
“Mudou muita coisa, o meu relacionamento dentro de casa com minha mãe e os meus irmãos, porque durante o dia, depois que comecei a estudar, conseguir um “trampo” e a noite vou para escola. Então não tenho mais tempo de ficar “zanzando” pela comunidade, que hoje em dia está muito perigosa. Como vocês disseram que não vão falar meu nome verdadeiro, vou confessar, que o mais importante é ter se livrado da morte, porque de certa forma não tenho mais tempo de estar no meio das amizades de antes e muitos até já morreram. ”
MARIA (19 anos)
“Hoje me tratam com mais respeito e trabalho como operadora de caixa numa loja de sapatos. Além de conseguir, através do trabalho, pagar uma escolinha para minha filha.”

Tabela 3- Mudança de vida

Fonte: Elaborado pelos autores, 2019

Com base nas respostas dadas pelos sujeitos de faixa etária diferentes, podemos evidenciar que houve avanços significativos no contexto histórico e sociocultural desses indivíduos. Vale ressaltar, a fala de Jaime em dizer que se livrou da morte através do retorno aos estudos, pois, o contexto de vida a qual vivenciava e o bairro a qual morava lhe trazia amizades que fazia com o que, ele se afastasse dos estudos e entrasse no mundo da criminalidade.

Mediante a esses aspectos, Arroyo (2017, p. 252) dialoga com essas indagações;

Que sujeitos de culturas, valores, identidades se revelam? Como vê-los? Revelam que, como jovens-adolescentes, formulam-se as mesmas perguntas universais à condição humana (...). Os estudos dessa juventude destacam que suas letras revelam uma juventude não alienada do presente, antes aberta, sensível, resistente, interrogante sobre o presente.

Assim, ao professor, cabe a tarefa de trabalhar no contexto social de sala de aula, a partir do conhecimento da realidade de seu aluno, das necessidades, exigências, expectativas, interesses e desejos dos indivíduos. A realidade dos marginalizados das zonas urbanas é marcada pela pobreza, pela exploração, pela dominação cultural; pela falta de acesso aos serviços básicos e aos serviços sociais, resultando na incerteza de sobrevivência de muitos deles.

Conforme as falas de Joana e Jorge, observa-se a alegria dos mesmos em aprender a ler e a escrever. Embora não tenham podido estudar na idade considerada regular e estivessem distantes da realidade das cidades, hoje, eles aproveitam a oportunidade e

já veem mudanças nas suas histórias de vida e na comunidade ao qual estão inseridos.

Portanto, a EJA tem sido uma oportunidade de mudança de vida e ressignificação das histórias de vidas para os alunos que não tiveram acesso à escola no passado ou que deixaram essa oportunidade para trás. Essa é parte da história de Joana, Maria, Jaime e Jorge, mas também, reflete a de diversos sujeitos que puderam transformar suas vidas através da Educação, muitos, a partir da EJA.

## 7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estudo sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil, percebemos que sua trajetória foi marcada por muitas transformações, demonstrando estar totalmente relacionada às mudanças sociais, políticas e econômicas que caracterizam cada período histórico, evidenciando os reflexos e possíveis motivos que afastaram ou impossibilitaram o acesso de inúmeros sujeitos às escolas.

Sendo assim, o que motivou este trabalho foi à busca da compreensão sobre a importância das histórias de vida dos alunos da EJA no seu processo identitário e em que contexto eles estão inseridos na atual Educação Brasileira. Conforme afirmamos na análise do resultado e discussão, a EJA tem sido uma oportunidade de mudança de vida para os alunos que não tiveram acesso à escola no passado ou que deixaram essa oportunidade para trás. Tivemos a oportunidade de conhecer algumas das histórias de vida dos sujeitos da EJA no seu processo identitário, bem como o contexto a qual fazem parte na Educação Brasileira.

Nesse sentido, a EJA é a modalidade que contribui com a educação, pois, em seu diferencial, estão os alunos que não tiveram a oportunidade de na idade adequada ingressar em seus estudos. Por esse motivo, ela tem que ser tratada com o maior respeito, principalmente por saber que esses alunos são na sua maioria os mais humildes, que trabalham, cuidam de suas famílias e ainda arrumam tempo para tentar concretizar o sonho de aprender a ler e escrever, e tantas outras coisas. A ela devemos a ousadia para que cumpra sua qualidade e, que valorize a diversidade dos sujeitos nos seus aspectos históricos e socioculturais.

Vale ressaltar, a partir dos objetivos propostos desse artigo, conseguimos compreendemos acerca da diversidade dos sujeitos da EJA, nos aspectos históricos e socioculturais, relacionados a atual educação brasileira; analisamos e conhecemos quem são e quais são as expectativas dos sujeitos que, por vários motivos ao longo de sua vida, foram excluídos do sistema escolar regular, bem como diferenciamos o perfil do jovem e do adulto da Educação de Jovens e Adultos e por fim apontamos contribuições de Paulo Freire para compreender quem são essa diversidade dos sujeitos da EJA.

Cabe lembrar, então, que a educação brasileira tem muitos desafios, e a EJA é só mais um deles, mas não menos importante, muitas vezes esquecidos e tratados sem

muita preocupação e cuidado. O respaldo que queremos é que a Educação de Jovens e Adultos, não seja um fim em si mesmo, mas, que os alunos possam dar continuidade aos estudos, podendo ingressar em níveis cada vez mais elevados. Por isso, a expectativa e identidade dados no texto da diversidade dos sujeitos da EJA consistem em afirmar que o aluno escolarizado é um ser que estuda para melhorar de vida; prosperar no trabalho; arrumar um trabalho.

O resultado deste estudo indica que falta um olhar da escola para a diversidade desses sujeitos. Os alunos da EJA possuem a sua identidade, a sua história de vida. É necessário conhecer esses sujeitos em todos os aspectos; sejam eles históricos, econômicos ou socioculturais. O que não pode é deixar as experiências desses indivíduos de lado.

Ficou evidente a partir de nossa análise das informações que para desmistificar quem são seus sujeitos, requer apenas um processo de observação dos mesmos, bem como, que, é nesta modalidade de ensino que encontramos diversas dificuldades, que perpassam do sujeito aluno até o sujeito professor.

Com esta pesquisa constatamos que embora o sujeito da EJA se perceba de forma desfavorável em relação aos sujeitos de outras modalidades e níveis de ensino, geralmente, seu reingresso na escola associa-se à procura de melhoria nas condições de vida. E ainda que o retorno à escola seja para ampliar sua visão de mundo e para aprender coisas que ainda não aprenderam.

Finalmente, convém lembrar que a educação de jovens e adultos compreende um leque amplo e heterogêneo de experiências educativas, de formatos e modalidades diversos, que não correspondem necessariamente somente as ações de escolarização. Atualmente a EJA tem priorizado temáticas e discussões que são concebidas como desdobramentos daqueles que se colocavam nas décadas passadas devido à necessidade de se estabelecer um perfil mais aprofundado dos alunos e a tomada da realidade em que está inserido como ponto de partida das ações pedagógicas, do repensar de currículos e metodologias e, de materiais didáticos adequados as suas necessidades e a formação de professores do EJA.

Portanto, acreditamos nesta modalidade de ensino por percebemos que a diversidade dos sujeitos nela envolvidos possuem a sua identidade, sua história de vida, os mesmos estão inseridos em contextos que são excluídos socialmente do processo da escola regular, mas, acreditamos que esta modalidade de ensino possa ser vista não como dados quantitativos para estatística, mas que ela seja vista como uma política educacional que se baseia, mas de que em simples dados mas, em qualidade de ensino e que esta qualidade seja refletida para professores e alunos.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Antonio, et al. **Educação, trabalho e tecnologia: um olhar reflexivo sobre formação e experiências pedagógicas da Escola da EJA/** Antonio Amorim ... [et al.], organizadores. – Salvador: EDUFBA, 2019. 241 p.:il.

FREIRE, Paulo (2008 [1968/1974]): **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra.

GADOTTI, Moacir. Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. **Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio epistemológico**. Brasília, v.18, n.1, p. 10-32 dez, 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1996. 159 p.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MINAYO, M. C. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes,2010. p.16

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 1973.

SILVA, Natalino Neves da. **Juventude Negra na EJA: o direito à diferença/** Natalino Neves da Silva. – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. 184 p.

SILVA, Renata. SILVA, Everaldo da. **Apostila da disciplina Metodologia Científica 1: elaboração de relatório de estágio**. Blumenau – SC: Instituto Catarinense de Pós-Graduação, 2007.

SOUZA, Amilton Alves de. **Círculos de Diálogos e Práticas de Letramentos com as TIC: Saberes, Fazeres e Interfaces com a EJA /** Amilton Alves de Souza. – Salvador, 2015. 217f

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aplicativo Educativo 74, 75, 77, 80, 83, 84, 85

Aprendizagem 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 27, 53, 56, 58, 59, 60, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 98, 103, 104, 108, 111, 112, 114, 126, 140

### C

Ciências 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 34, 35, 40, 44, 51, 59, 62, 72, 73, 78, 90, 91, 146

Currículo intercultural e bilíngue 49, 55, 58, 59

### D

Diversidade dos sujeitos 12, 13, 14, 15, 21, 22, 25, 27, 31, 32

### E

Educação 11, 2, 4, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 36, 38, 39, 41, 42, 43, 45, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 67, 68, 71, 72, 73, 78, 80, 82, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 121, 122, 126, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146

Educação de jovens e adultos 15, 16, 24, 32, 33, 91

Educação escolar quilombola 135, 137, 140

Educação infantil 11, 62, 63, 64, 67, 68, 71, 72, 73, 99

Educação Prisional 90, 95, 107, 110, 111

EJA em prisões 86

Ensino 1, 2, 3, 4, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 23, 24, 25, 26, 28, 32, 34, 35, 36, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 49, 50, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 74, 77, 78, 80, 86, 87, 88, 89, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 102, 103, 104, 105, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 122, 126, 133, 138, 140, 143, 146

Escola 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 17, 19, 20, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 50, 53, 54, 55, 59, 60, 86, 87, 88, 90, 92, 93, 94, 103, 109, 111, 115, 117, 118, 122, 124, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 143, 144

Escolas quilombolas 135, 138, 139, 140, 142, 143

### G

Gênero 2, 10, 19, 37, 45, 46, 52, 55, 62, 63, 64, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 75, 77, 78, 79, 80, 84, 85, 109, 112, 115, 118, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 128, 129, 131, 132, 133, 134

Gestão Educacional 107, 114, 116

## H

Histórico de vida 12

## I

Infância 10, 26, 62, 63, 64, 72, 73, 121

Interculturalidade 49, 53, 54

## M

Masculinidade 67, 71, 72, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134

Mulheres brasileiras 75, 77, 78, 80, 83, 84

Multiculturalismo 49, 50, 51, 52, 53, 54, 60, 61, 145

## O

Orientação Sexual 1, 2, 3, 10, 11, 19, 34, 35, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48

## P

Paulo Freire 12, 13, 14, 19, 21, 22, 31, 56, 57, 59, 61, 90, 107, 108, 110, 111, 116

Pedagogia de projetos 88, 89, 91, 92, 95

Pedagogia em contextos não escolares 97

Pedagogia Social 33, 97, 98, 102, 105, 106

Pioneiras 74, 75, 76, 77, 80, 81, 83, 84, 85

Política 16, 17, 32, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 78, 79, 82, 87, 99, 100, 106, 107, 108, 112, 116, 121, 125, 129, 131, 132, 133, 136, 137, 139, 142, 145

Práticas curriculares 135, 138, 141

Professor 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 18, 20, 27, 30, 32, 34, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 75, 87, 88, 89, 90, 93, 94, 97, 98, 99, 102, 103, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 135, 141, 143, 146

## R

Reconhecimento Feminino 75

## S

Saúde 2, 7, 9, 11, 19, 36, 45, 78, 79

Sexualidade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 29, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 63, 64, 72, 73, 77, 122, 123, 126, 128, 129, 131, 132, 133, 134

Sistema prisional 86, 91, 97, 100, 106

## T

Teoria Pedagógica 107, 116

# EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE  
DE TRANSFORMAÇÃO DO  
CONHECIMENTO GERADO

# 5

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2020

# EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE  
DE TRANSFORMAÇÃO DO  
CONHECIMENTO GERADO

# 5

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

**Atena**  
Editora

Ano 2020